

Cartel entre a linha e o tempo: uma travessia só, mas não sem os outros¹

Andréa Lima dos Santos

Resumo

O presente artigo surge a partir do impasse diante da dissolução abrupta de um cartel, trazendo vários questionamentos sobre seu funcionamento e as consequências como dispositivo orientado à Escola. Como sustentar um desejo de trabalho em cartel, transmitir a função de enlaçamento e propiciar que as crises se transformem em produção? Uma aposta arriscada, cheia de furos e que vai como Lacan aponta, provocando a cada um a topar “com o real em jogo na formação do analista”, real aqui também presente na própria estrutura de funcionamento desse dispositivo.

Palavras-chave:

Cartel; Escola; Dissolução; Formação do analista.

Cartel between line and time: a singular journey, but not without the others

Abstract

This article emerges from the impasse caused by the abrupt dissolution of a cartel, raising several questions regarding its functioning and its consequences as a device oriented toward the School. How can one sustain a desire to work within a cartel, convey the function of linking, and allow crises to be transformed into production? A risky wager, full of holes, which—as Lacan points out—leads each one to come up against “the real at stake in the formation of the analyst,” a real that is also present in the very structure of this device’s functioning.

Keywords:

Cartel; School; Dissolution; Analyst training.

¹ Trabalho apresentado no Espaço Escola do XXIV Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil), realizado em Brasília em outubro de 2024.

Cartel entre la línea y el tiempo: un cruce único, pero no sin los otros

Resumen

Este artículo surge del impasse ante la disolución abrupta de un cartel, planteando diversas preguntas sobre su funcionamiento y las consecuencias como dispositivo orientado hacia la Escuela. ¿Cómo sostener el deseo de trabajar en un cartel, transmitir la función de enlace y permitir que las crisis se transformen en producción? Una apuesta arriesgada, llena de agujeros, que, como señala Lacan, lleva a cada uno a toparse con “lo real en juego en la formación del analista”, un real presente en la propia estructura de funcionamiento de este dispositivo.

Palabras clave:

Cartel; Escuela; Disolución; Formación del analista.

Cartel entre ligne et temps : une traversée singulière, mais pas sans les autres

Résumé

Cet article naît de l'impasse provoquée par la dissolution brutale d'un cartel, soulevant plusieurs questions sur son fonctionnement et ses conséquences en tant que dispositif orienté vers l'École. Comment soutenir le désir de travailler en cartel, transmettre la fonction de lien et permettre que les crises se transforment en production ? Un pari risqué, plein de trous, qui comme le souligne Lacan, conduit chacun à se confronter « le réel en jeu dans la formation de l'analyste », un réel également présent dans la structure même du fonctionnement de ce dispositif.

Mots-clés :

Cartel ; École ; Dissolution ; Formation d'analyste.

Entre a solidão da experiência analítica e o trabalho sozinho, mas não sem os outros no cartel, pode haver algo que possa produzir laço, como também ruptura? Como o ato de fazer cartel pode nos orientar?

Em 2018, o Fórum do Campo Lacaniano Salvador (FCL-SSA) sustentou a aposta “que levou ao movimento da recriação de uma instância local que estivesse em consonância com os princípios da Escola” (Almeida, 2020), e tomar a Escola e o cartel, seu “órgão de base”, como orientação tem tido consequências significativas para nossa experiência de fazer fórum, fazer Escola, uma vez que fazer cartel, participar das jornadas de cartéis, assim como dos debates promovidos pela coordenação de cartéis, tem movimentado a comunidade e convocado cada membro a seu tempo a se implicar e a se responsabilizar por sua formação, e poder, assim, contribuir para a sustentação, transmissão e manutenção do discurso psicanalítico.

Vale salientar que, desde “Ato de fundação”, texto que aponta os princípios para a constituição de uma comunidade analítica, Lacan (1964/2003, p. 235) propõe que, “para a execução do trabalho, adotaremos o princípio de uma elaboração apoiada num pequeno grupo”. Fingermann (2016, p. 156) acrescenta: “este pequeno grupo, o cartel[,] constitui a matriz, o ‘órgão de base’ que permite a experiência e a multiplicação de uma nova modalidade de laço social, entre analistas em torno da elaboração do saber que sustenta a psicanálise”.

Com base em tais considerações, surge a pergunta: como sustentar um desejo de trabalho em cartel, transmitir a função de enlaçamento e propiciar que as crises se transformem em produção?

Uma aposta arriscada, cheia de furos, e que vai provocando cada um a topar “com o real em jogo na formação do analista” (Lacan, 1967/2003, p. 249), real aqui também presente na própria estrutura de funcionamento desse dispositivo.

É um desafio e tanto atravessar a linha do tempo na formação e os tempos entrecruzados pela lógica coletiva, pelo tempo lógico de cada um. Vale salientar que a lógica que orienta um cartel é “a falta” de um saber acabado, concluído e totalizador. Isso é que vai permitir a elaboração particular e o laço de cada membro do cartel com a Escola, sustentado no desejo e na relação com a causa psicanalítica. Dito de outro modo, o cartel, como uma forma, uma ferramenta de trabalho, possibilita fundar um laço entre sujeitos interessados em trabalhar a favor da psicanálise.

Um risco, um arrisco, uma aposta de que, nessa estrutura horizontal, heterogênea, pouco presunçosa — com respeito aos semblantes de saber; com “um líder debilitado”, como é o Mais-um; em um encontro que será limitado no tempo, já que está destinado a se dissolver e a se renovar com outros; que não tem um mestre de prestígio que dite um ensino e alunos que o amem por seu saber, mas que qualquer um pode ocupar esse lugar, com a condição de resguardar a causa do trabalho, se está na função de Mais-um, e de se autorizar a pensar por conta

própria com os outros, se é um membro do cartel —, há aí a aposta de que, entre a possível elaboração coletiva e a particularidade da enunciação de cada um, seja possível avançar.

E, quando há um impasse, gerado principalmente pelos diferentes tempos na formação de cada um e que gera um mal-estar a ponto de fazer o cartel vacilar e ser dissolvido? Qual o destino do que se escapa de um cartel quando esse se dissolve antes de um tempo para uma elaboração?

Assim me vi surpreendida, diante do anúncio do “mais-um”, que aquele seria o último dia do cartel, sem mais explicações; o real entrou em jogo, e sua saída abrupta precipitou a interrupção do trabalho que vinha acontecendo semanalmente. O cartel, sobre o tempo lógico, ficou no tempo suspenso, sem elaboração do desenlace, um mal-estar. O que fazer diante dessa ruptura?

Esse cartel trouxe à tona a questão com o tempo, tempo nós, tempo só, tempo de elaboração possível desse “enlace no impasse”. A elaboração é, então, um trabalho no impasse, um trabalho sobre o que resiste; daí seu desafio, a desfiar fio a fio a linha do tempo de cada componente do cartel com o saber, ou melhor, com o não saber, que se apresenta tanto como ponto de partida quanto como ponto de chegada. Há de suportar o furo no saber.

O ato de topar com a experiência de fazer cartel ultrapassa a palavra, provoca, tem efeitos, produz deslocamentos. Lacan, (1980/2022, p. 68) nos adverte de que, em se tratando do cartel, “nenhum progresso deve ser esperado, a não ser a periódica colocação a céu aberto dos resultados, assim como das crises de trabalho”. Trazer para a comunidade as crises de trabalho, os impasses foi a forma possível de dar tratamento ao mal-estar, que se encontra estritamente ligado à diferença, à disparidade, ao real e ao não saber gerados pela dissolução desse cartel.

Vale salientar que a entrada na Escola de qualquer participante se dará por um projeto de trabalho, e que a Escola garantirá a relação do analista com a formação que ela dispensa. Ora, me parece que justamente o ponto em que Lacan insiste quanto a essa relação não passa pela mestria, mas por aquilo que torna cada um responsável pelo progresso da Escola e psicanalista de sua própria experiência. Assim, entendo que a estrutura de funcionamento do cartel coloca em jogo aquilo que de mais singular da experiência analítica pode articular-se com um saber que advenha da necessidade de articulação e transmissão, fazendo laço.

O cartel, portanto, não é lugar de garantia, mas lugar de desassossego, uma aposta, uma forma de travessia, de atravessar os tempos que se amarram à linha do coletivo e do particular, uma forma de poder suportar os furos e o tempo de cada um.

Desse modo, fico a questionar: quantas vezes precisam ser dadas, experienciadas, por cada um que topa com a psicanálise nessa travessia entre intenção e extensão, para enlaçar o tempo, ou melhor, os tempos na formação do analista?

Tempos?

Sim

Tempos aqui muitos

Tempo lógico

Lógica coletiva

Tempo nós

Tempo só

Mas não sem os outros.

Pois, através dos fios da palavra, do desfiar dos ditos e do dizer, é possível ir se autorizando, ir se colocando a cada tempo, a partir do tempo próprio concernente a cada um. Essa é a aposta.

Referências bibliográficas

- Almeida, P. (2020). *Relatório da Secretaria do FCL-Salvador*. Comissão de Gestão, biênio 2019-2020. Documento interno.
- Fingermann, D. (2016). O cartel faz Escola. In D. Fingermann. *A (de)formação do psicanalista – as condições do ato analítico* (p. 156). São Paulo: Escuta.
- Lacan, J. (2003). Ato de fundação. In J. Lacan. *Outros Escritos* (p. 235). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In J. Lacan. *Outros Escritos* (p. 249). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1967)
- Lacan, J. (2022). D'e[s]colagem. In J. Lacan. *Nos confins do seminário* (1a ed., p. 68). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1980)

Recebido: 20/06/2025

Aprovado: 06/08/2025